

EXPERIÊNCIA DO PONTO BALE COM CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

*Claudia Magna Pessoa da Silva, UERN/PIBIC Af CNPq,
lookpessoa@gmail.com*

*Francisca Roseneide Gurgel Campêlo, UERN/PIBIC Af CNPq,
rousygurgel.1@hotmail.com*

*Maria Lúcia Pessoa Sampaio, UERN,
malusampaio@hotmail.com*

RESUMO

Analisaremos, aqui, a experiência com leitura desenvolvida com bolsistas, do ensino médio e de graduação, tendo como suporte ações inovadoras, envolvendo as ferramentas da Ciência, Tecnologia e Inovação para a Educação Básica (CTI-EB), por meio do Ponto BALE (Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas), mediante estratégia nos “Canteiros”: Formação, Encenação, Contação e Ficção, articulados ao desenvolvimento de habilidades de leitura (oral/escrita) e produção textual (oral/escrita). O referencial teórico adotado no trabalho se ancora em pesquisas desenvolvidas na França, como a de Charlot (2000) que discute a relação dos jovens com o saber e por Petit (2006) que investiga a relação dos jovens com a leitura. Apoiamo-nos, ainda, em Villardi (1997) para discussão acerca do gosto e do prazer pela leitura, bem como em Raimundo (2009), Brito e Sampaio (2011) por ambos tratarem do papel das novas TICs para mediação da leitura. Os resultados alcançados demonstraram que o Ponto BALE – CTI – EB atendeu as metas previstas de leitura e de escrita, aproximando os usuários das práticas leitoras e produtoras de textos.

Palavras chaves: BALE, Leitura; TICs; Literatura.

Introdução

A leitura é fundamental para a vida em sociedade, por isso, desde a infância esta prática deve ser incentivada e o gosto formado tanto por parte da família, quanto da escola “para que tenhamos um cidadão capaz de incorporar a leitura às atividades do seu cotidiano” (VILLARDI, 1997). Diante da realidade atual em que temos identificado que essas duas entidades família e escola nem sempre alcançam práticas exitosas com a leitura é que muitas vezes apelamos para outros meios como, por exemplo, as novas tecnologias da informação, dado o envolvimento dos jovens com essas ferramentas.

A partir da experiência com leitura e novas tecnologias é que neste trabalho objetivamos analisar os resultados alcançados, por meio de ações inovadoras, envolvendo as ferramentas CTI (Ciência, Tecnologia e Inovação) para a EB (Educação Básica), no Programa BALE, que nessa 7ª Edição, adotou como estratégia de trabalho cinco “Canteiros”, a saber: “Formação, Informação, Encenação, Contação e Ficção, articulados ao desenvolvimento de habilidades de leitura (oral/escrita) e produção textual, também, oral/escrita” (SAMPAIO, 2013).

O referencial teórico adotado no trabalho se ancora em pesquisas desenvolvidas na França, por Charlot (2000) que discute a relação dos jovens com o saber e Petit (2006), o qual investiga a relação dos jovens com a leitura. Apoiamo-nos, ainda, em Villardi (1997) para discussão acerca do gosto e do prazer pela leitura, bem como em Raimundo (2009), Brito e Sampaio (2011) por ambos tratarem do papel das novas TICs para mediação da leitura.

A metodologia do trabalho incide na análise do *corpus* da pesquisa que advém do grupo criado na rede social *facebook*, denominado: “ESCRITAS DE SI: ENTRE CANTEIROS DA LEITURA E

PRODUCAO” do qual foram coletados postagens realizadas por 46 sujeitos, dentre os quais, 36 deles mencionaram a sua relação com a leitura, desde a infância até a fase atual a juventude (entre 15 a 28 anos de idade). E ainda foi realizada uma pesquisa de campo, no qual 45 sujeitos relatam as suas dificuldades e seu desenvolvimento em relação com a leitura diante das novas tecnologias.

O presente artigo está organizado nos seguintes pontos: no primeiro, faremos uma discussão teórica, abordando o papel da escola e das novas TICs como contributos para a formação de leitores; o segundo recai na análise da experiência do Ponto BALE - CTI e, por último, a conclusão.

ESCOLA, NOVAS TECNOLOGIAS E A FORMAÇÃO DE LEITORES

A leitura no sentido amplo contribui para a formação de qualquer cidadão. Por isso, o gosto de ler deve ser incentivado desde as séries iniciais. Assim como é também dever da escola envolver as crianças e jovens desde cedo com o uso das novas tecnologias para que estas possam influenciar cada vez mais o aprendizado do aluno. São esses aspectos que passaremos a discutir na próxima secção.

(i) O papel da escola na formação do leitor

A leitura é imprescindível para a formação de qualquer cidadão. Em muitas situações não há um pleno incentivo e isso pode comprometer o aprendizado, uma vez que esta contribui para que o indivíduo construa sua própria identidade. De acordo com Petit (2006, p. 19) a leitura de livros auxilia os jovens a se tornarem pessoas mais autônomas e livres de discursos repressivos e paternalistas.

É necessário resaltar a importância de formar leitores para toda a vida, estando ciente que apenas o “hábito” pela leitura torna-se insuficiente pelo fato de que, o hábito é algo que fazemos diariamente como lavar as mãos antes de comer, por exemplo, ou algo que pode ser adquirido pela influência da família ou mesmo dos professores, mas corre o risco que ao término daquele período esse hábito desapareça. Desse modo, torna-se fundamental que o docente esteja preocupado em formar os discentes na perspectiva de leitores para toda a vida, pois assim eles serão capazes de descobrir nas obras e na literatura o mundo tão grandioso que está em volta da leitura e, conseqüentemente, descubra o real gosto de ler por toda a sua trajetória de vida. Nesta perspectiva Villardi (1997) defende que: “[...] ler é construir uma concepção de mundo [...] o que se constitui como um dos atributos que permitem exercer, de forma mais abrangente e complexa, a própria cidadania”. Assim, a leitura permite aos jovens a possibilidade de descobrir e conhecer lugares até então desconhecidos, e, além disso, possibilita a autêntica forma de interpretar e compreender o que está escrito, posicionando-se como leitor crítico que constrói suas próprias concepções de mundo e dando sentidos a realidade vivida e viabilizando a atuação dos jovens na sociedade como cidadãos atuantes, aptos a resoluções de problemas. A escola tem um papel fundamental no incentivo à prática de leitura, tanto para as crianças quanto para os jovens. Assim, o papel desempenhado pela escola diante da leitura é que além desta ampliar conhecimentos, influencia também na formação do leitor, pois para que isso se concretize é necessário o total incentivo principalmente nas salas de aula.

Raimundo (2007, p. 107) compartilha da mesma preocupação de Petit, vez que ao pensar o seu trabalho acerca da mediação da leitura considera as “[...] inquietações dos docentes sobre como desenvolver com eficácia a sua função de educador e conseguir despertar nos alunos a consciência do que eles podem fazer de melhor por si e pela sociedade”, facilitando o processo de leitura. Concordamos com essa autora ao questionar o papel do educador ao declarar que:

[...] facilitar o processo de leitura é uma questão pública. Todos têm o direito de ler e principalmente entender o que se está lendo. Portanto é dever do Estado propiciar a todos os cidadãos esta habilidade, favorecendo a informação, a comunicação e a educação da sociedade brasileira. E quando se fala em facilitar o processo de leitura, pensa-se em aplicar nas aulas de leitura uma metodologia capaz de despertar no aluno o gosto pela leitura, o prazer de ler.

Mesmo compreendendo esse direito à leitura em muitas situações na sociedade este não é respeitado, o que implica num desafio do educador em planejar meios que possam aproximar o sujeito da prática da leitura. Embora, antes mesmo da escola, seja papel da família incentivar a criança e o adolescente o gosto pela leitura, proporcionando uma maior aproximação destes com os diversos materiais e incentivando-os a sua prática, o que não ocorre em muitas realidades. Na medida em que a família por inúmeras razões não assume o papel fundamental na formação do leitor e nos valores que a mesma deveria cultivar, o qual perduraria por toda vida é que a escola passa a assumir o duplo papel de envolver os estudantes com a leitura e o devido acesso aos bens culturais, como o livro. É com essa compreensão que ainda acreditamos na formação do leitor, tendo-se como principal incentivo o espaço escolar na mediação da leitura dos sujeitos. Entendemos que poderemos mudar possíveis histórias de fracasso, vez que, como argumenta Charlot (2000, p. 16): o “fracasso escolar” não existe; o que existe são alunos fracassados, situações de fracasso, histórias escolares que terminam mal. Esses alunos, essas situações, essas histórias é que devem ser analisadas e não algum objeto misterioso, ou algum vírus resistente, chamado “fracasso escolar”.

Nessa linha de raciocínio é que quando tratamos da formação de leitores não estamos preocupados com a leitura como possibilidade desta ser um fator de fracasso escolar, como um dos estigmas que tanto se discute na literatura da área. A nossa preocupação incide nos sujeitos que dependendo de sua história de leitor podem se tornarem fracassados diante do ato de ler, conforme mencionado por Charlot (2000). Mediante várias possibilidades de se trabalhar com a leitura e a formação de leitores é que temos nas tecnologias da informação possibilidades concretas de acesso para alguns e ao mesmo tempo de possível afastamento dessa prática para outros. Esse aspecto será discutido na próxima secção.

(ii) As tecnologias de inovação no incentivo à formação de leitores

Diante das várias dificuldades com a leitura, a tecnologia pode ser vista como fator preponderante que pode auxiliar no acesso aos materiais de leitura, conseqüentemente, no ato de ler. Assim, necessário se faz que a escola incentive os alunos na prática da leitura de obras literárias, advindas da internet como forma de não apenas compreender esse suporte como atrativos, apenas para leitura de noticiários ou como forma de interagir nas redes sociais. De acordo com Raimundo (2009)

para muitas pessoas a *internet* é um instrumento que melhora e facilita a educação, mas precisamos reconhecer que ela pode se torna ruim quando o aluno apenas copia e reproduz um trabalho pedido pelo professor. Muitos alunos não se concentram na leitura de uma obra diante da internet, pois ao acessar diversos *sites* que tratam de variados assuntos, acaba afastando o leitor do foco que está sendo lido.

Segundo Moran (1999), para que a internet se concretize no meio escolar é preciso facilitar o acesso dos alunos e preparar melhor os professores e os profissionais nesta área, e desde cedo o governo deve investir na educação tornando mais familiar o uso do computador para com o aluno. Desta forma, faz-se necessário que a escola e os seus profissionais estejam realmente preparados para contribuir com essa formação. Segundo Levi (1999, p. 07) “novas maneiras de pensar e de conviver estão sendo elaboradas no mundo das telecomunicações e da informática”. Para Schons e Valentini (2012, p. 03) “a tecnologia faz parte da história, da construção da história de um sujeito. O homem cria e recria, se coloca como um sujeito que faz e refaz o mundo. A escola precisa ensinar o aluno a pensar, dialogar e refletir”, incentivando o aluno ao uso das ferramentas tecnológicas, proporcionando, assim, meios que facilite o acesso às tecnologias e que possam contribuir para sua formação leitora, pois:

o uso da internet pode possibilitar o surgimento de prática social, situações de letramento. Dessa forma o letramento digital pode ser provocado por meio do uso das novas tecnologias, pelo domínio de suas ferramentas. O “letramento digital” busca inserir o sujeito na sociedade, incluí-lo digitalmente na moderna era informacional através de novas ferramentas tecnológicas [...]. (SCHONS E VALENTIN, 2012, p. 06).

Por um lado, concordamos com os autores mencionados sobre a importância do letramento digital, por outro lado, devemos considerar que o uso indevido das tecnologias apresentam seu lado negativo, pois a internet quando usada de forma indevida e sem direcionamento, por exemplo, apenas para jogos não educativos, redes sociais, bate-papo, dentre outros, pode contribuir para o atraso escolar do aluno e atrapalhar o seu desempenho escolar. Segundo Brito e Sampaio (2011, p. 07) outros aspectos negativos ligados á internet ainda poderiam ser correlacionados, como: “os danos psíquicos gerados pelo isolamento; a dependência provocada pelo vício do uso; a banalização dos conteúdos, etc. É preciso que vejamos, na mesma medida, diferenças e semelhanças entre internet e os meios de comunicação existentes [...]”. Portanto, a internet é uma ferramenta que trás muitos benefícios, mas ela pode também prejudicar o aluno se não tiver um controle por parte da família e da escola, pois é um instrumento de tamanha velocidade que às vezes controlar o seu uso se torna difícil. De acordo com Schons e Valentini (2012, p. 07): [...] “as novas tecnologias devem servir como uma mediação pedagógica no processo educativo, trazendo possibilidades para o sujeito interagir e dialogar com o outro e com a realidade”. Com isso, percebemos que as tecnologias se tornam relevantes quando se tem um uso adequado e que contribui de alguma forma para o desempenho satisfatório do aluno em relação ao processo de aprendizagem escolar.

O Ponto BALE - CTI: estabelecendo novas relações

Realizamos a presente análise do *corpus* da pesquisa, constituído de textos escritos por quarenta e seis sujeitos, bolsistas e voluntários do Ponto BALE – CTI – EB (aqui identificados com nome fictícios), dos quais trinta e seis deles mencionaram a sua relação com a leitura, por meio do grupo “Escritas de si” criado com esse fim na rede social *facebook*. É notório os diversos motivos que

levaram os jovens ao gosto pela leitura, pois o que prevaleceu nos relatos foram a motivação e incentivo da família, dos professores, participação em projetos de leituras e até mesmo a preocupação com o êxito pessoal. Nestes escritos identificamos dois aspectos que elucidam a nossa análise: a) a concepção de leitura dos sujeitos e; b) as diversas motivações que os levaram ou não a se relacionarem com a leitura, a saber:

(i) Da relação entre ler e escrever tendo como suporte as redes sociais

A leitura e a escrita são gêneros indissociáveis e indispensáveis, ambas com suas características e finalidades específicas. Com isso, na correlação e uso de ambas habilidades ainda hoje enfrentamos inúmeros obstáculos, mesmo diante dos novos avanços tecnológicos, sofremos, por exemplo, com a falta de acesso a esses bens culturais, cujas dificuldades incidem até mesmo na orientação e uso dos equipamentos existentes.

As práticas leitoras atuais demonstram a grande incidência de se trabalhar à leitura em sala de aula apenas com livros, mesmo sabendo que com o passar do tempo essa forma de escrever e ler no papel se tornou um conteúdo rotineiro na prática escolar. Isso porque, o professor ou até mesmo a escola não tem um incentivo de mudar essas práticas que cada vez mais estão se tornando conteúdos sem graça para o aluno, pois diante de um mundo evoluído essas escritas precisam ser diversificadas. Para isso, seria de suma importância dar ênfase a práticas de leitura em sala de aula com o uso de novas tecnologias, pois vivemos num mundo midiático, assim como nos mostra os exemplos que seguem da relação dos sujeitos investigados acerca da leitura na tela, por meio do Ponto BALE CTI:

Exemplo 01:

Escrever na tela foi bom, muitas das vezes fica mais complicada do desrespeito à postagem, a gente sabe que ler o livro é muito importante, mais prazeroso do que ler na tela e às vezes fica difícil o acesso a postagem, então tive algumas dificuldade, mas foi muito bom e eu gostei, apesar das dificuldades, mas eu gostei de ter um convívio melhor com a tecnologia através da leitura. As obras literárias também gostei muito. E esse trabalho tecnológico do BALE também achei muito importante (Tony, aluno do ensino médio, da cidade de Frutuoso Gomes).

Exemplo 02:

A experiência de ler na tela é muito boa, eu não tenho tanta dificuldade em ler em tela não, eu até acho bom e teve até um livro que foi passado, acho que foi Alice no país das maravilhas, que li, eu li totalmente na tela, porque os outros eu tive acesso aos livros impressos e Alice no país das maravilhas foi em tela e foi legal, em uma tarde eu terminei e não tive muita dificuldade (Tina, aluna de Graduação, do curso de letras)

Como demonstrado nestes exemplos tivemos alunos que afirmaram não ter gostado de ler na tela do computador, pois encontraram dificuldades ao utilizar a mesma, o que mesmo assim não influenciou na motivação do gosto pela leitura já que realizaram as atividades propostas no Ponto BALE. Em outro instrumental um dos sujeitos relata que se fosse no *tablet* seria mais confortável. Mas, mesmo com essas dificuldades, os sujeitos analisaram como positiva essa experiência considerada nova em suas relações com a leitura, talvez daí o estranhamento.

(ii) Da relação entre ler e transformar

É perceptível nos relatos dos bolsistas suas relações com a leitura e a possibilidade de transformação, como afirma o voluntário do Programa BALE:

Exemplo 03:

[...] O livro se transforma numa porta para podemos conhecer esse mundo extraordinário. Que transformam os leitores em seres de luz alegria. A leitura é capaz de transformar e cria pessoas magnificas que sabem defender seus pontos de vista, de fala e interagir com outros de formas magnifica, sem a leitura e o conhecimento desses mundos nos transformamos em pessoas das cavernas (sem raciocínio e ignorantes)” (Ted, Aluno do Ensino Médio)

Diante dessa afirmação no exemplo 03, fica claro que na compreensão do sujeito a leitura é primordial para a transformação do homem no que diz respeito a formar um cidadão pensante e consciente dos seus atos. Dessa forma, o sujeito acredita que a leitura é um dos motivos para conviver melhor em sociedade e ficar ciente dos deveres e direitos, sendo que a leitura possibilita uma compreensão mais ampla dos fatos, de modo que contribui para expressar melhor seu ponto de vista com mais autenticidade e autonomia. Nesta mesma perspectiva Silva, (2002) acredita que “ao experimentar a leitura estamos executando um ato de compreensão do mundo, ou seja, apreensão dos significados através de discursos escritos”. Nesse sentido, não basta decodificar signos, é necessário compreendê-los.

(iii) Da relação entre ler e prazer

A leitura pode está associada a vários objetivos, dentre eles a relação com o prazer. Não obstante, nem sempre essa prática está agregada apenas à atividade prazerosa e de refúgio, mas têm a ver também com a dedicação, trabalho e esforço. Uma vez que no percurso da vida do leitor, ele irá se deparar com leituras que não lhe proporcionam tanto prazer, como por exemplo, para fazer trabalhos acadêmicos ou escolares, etc. Esse fato ocorre devido à singularidade de cada indivíduo que se dedica a alguma modalidade de leitura, da qual se identifica ou não. Porém, é necessário conhecer os vários gêneros textuais, pois todo leitor precisa ter um vasto conhecimento, percepções de mundo que são fundamentais para a sua formação. Como defende Alves (2013), os leitores devem ser capazes de articular diferentes perspectivas de leituras e de discutir questões políticas, sociais e de viajar, realizar-se com as utopias, como também ter conhecimento com questões econômicas, científicas, entre outras. Veremos a seguir nos relatos das bolsistas de graduação sobre leitura por prazer ou por outros fins:

Exemplo 04:

A prática da leitura tem o poder de proporcionar ao ser humano um prazer único, com ar de mistério e curiosidade, onde o leitor é induzido a percorrer por lugares encantadores que envolvem o passado e o presente, na perspectiva de construir um futuro promissor. E este prazer é construído mediante o contato diário com atividades que envolvem e despertam o interesse pelo ato de ler, diante disso, é essencial que a criança, no início do seu processo formativo, esteja inserida em ambiente que apreciam, compartilham, exerce em ações voltadas para essa temática.(Julie, Aluna de Graduação).

Como observamos, a bolsista compreende que a leitura proporciona prazeres significativos, uma vez que através dos livros e das histórias é possível despertar nos jovens o mistério que incentiva a curiosidade, o real ao imaginário que muitas vezes serve de conforto e, conseqüentemente, ao gosto de ler o que vai sendo frequentemente aguçado. Assim como defende Petit (2006, p. 19) a leitura auxilia os jovens a se tornarem pessoas mais autônomas capazes de construir e de serem autores de sua própria vida.

(iv) Da relação entre leitura e êxito pessoal

Conforme anunciado por Charlot (2000) acerca da inexistência do “fracasso escolar”, pois, o que existe são alunos fracassados, situações de fracasso, histórias escolares que terminam mal, portanto, são esses alunos, essas situações, essas histórias que devem ser analisadas. Com base nos resultados obtidos na pesquisa, constatamos que em muitos casos os próprios sujeitos atribuem a si o fracasso pela falta de interesse mesmo diante de situações em que não são incentivados, como relatados por esse bolsista:

Exemplo 05:

Confesso que quando criança eu não lia muito, pelo fato de não ter sido interessado pelos os estudos, isso fez com que eu repetisse alguns anos na escolar. [...] Quando me dei conta de que estava perdendo tempo pela minha falta de interesse e que isso me prejudicaria no futuro, resolvi me esforçar mais nos estudos, com isso, passei a ler bastante e fui criando um enorme gosto pela leitura [...] Hoje me arrependo de não ter mim interessado pelos estudos, na minha infância. Mas essa fase ficou no passado. Vou me esforçar cada vez mais até alcançar meus objetivos (Carlos, Aluno do EM).

O relato acima mostra que o leitor enfrentava imensa dificuldade com a leitura pela falta de incentivo, mas ao participar de atividades de leitura, mesmo sem reconhecer esse incentivo, com o passar do tempo percebeu que a leitura é de suma importância para sua vida profissional, tornando-se uma pessoa fascinada por livros.

(v) Da relação com projetos de leituras: ritos de passagens e de iniciação

O papel desempenhado pela escola diante da leitura é que além desta ampliar conhecimentos, influencia também na formação do leitor, pois para que isso se concretize é necessário total incentivo, principalmente, nas salas de aula. Contrariamente ao afirmado no exemplo anterior os relatos abaixo confirmam a relevância dos projetos de leitura na vida e na formação dos sujeitos:

Exemplos 06:

O programa BALE, surgiu em minha vida como uma grande oportunidade para que eu possa transmitir e adquirir mais conhecimentos. (Maria, Aluna do Ensino Médio).

Exemplo 07:

O prazer pela leitura foi o principal motivo que me levou ao BALE (Biblioteca Ambulante de Literatura nas escolas), afinal, ler é algo que me fascina desde criança, época em que as fábulas e contos de fadas tomavam conta de mim. (Lara, Aluna do Ensino Médio).

Nesses relatos os sujeitos mencionam apenas o BALE como um dos agenciadores no incentivo e na aproximação destes dos livros e da leitura. Mediante o cultivo do gosto pela leitura esta vai se tornando mais frequente em suas vidas conforme relatado, o Programa BALE vem para contribuir, facilitar e incentivar os jovens e as crianças a terem um acesso às práticas de leitura e até mesmo uma visão positiva sobre o ato de ler.

Conclusão

Esse trabalho se propôs a mostrar a experiência do Ponto BALE com a leitura, assim como discutir o processo de constituição de leitores. Através dos estudos realizados para o presente artigo, identificamos que autores como Charlot (2000) e Petit (2006) nos serviram de inspiração, pelo fato de que há uma aproximação entre as vivências dos mesmos e a experiência no Ponto BALE, vez que, o primeiro deles defende que não existe “fracasso escolar” e sim alunos fracassados. A segunda autora nos remonta a investigação realizada no interior da França (PETIT, 2006), assim como no Ponto BALE no interior do Brasil, em ambas situações a leitura se torna um auxílio a tornar as pessoas autônomas e mais livres, proporcionando meios eficazes de se viver melhor em sociedade e buscando aprimorar conhecimentos que servirão para toda vida. Outros autores como Villard (1997) contribuíram para o entendimento de que ler é construir uma concepção de mundo, de entender, ser capaz e de compreender o que nos chega por meio da leitura. Pois, formar leitores deve ser para toda a vida, tendo o gosto e a vontade pela prática de leitura, mediado pelo educador. Em Silva (2002), entendemos que a partir da experimentação da leitura se exerce o estar no mundo e se adquire competências e habilidades a serem incorporadas pelo leitor. Conforme os sujeitos entrevistados a prática de leitura tem o poder de proporcionar ao ser humano um prazer singular, que provoca mistério e curiosidade, possibilitando ao leitor percorrer lugares nunca visitados.

Outra contribuição importante para a análise dos dados adveio de Raimundo (2009) ao afirmar que a internet é um instrumento que melhora e facilita a educação, mas precisamos reconhecer que ela pode se tornar ruim quando o aluno não se apropria devidamente do que ler. Nessa mesma perspectiva, Brito e Sampaio (2011) afirmam que a internet pode gerar o isolamento e o vício pelo seu uso exagerado e desordenado, sem nenhum fim de aprendizagem. Foi nessa mesma direção que os sujeitos relataram que o Ponto BALE, foi muito importante e que trouxe benefícios que proporcionaram mudanças positivas quanto à prática de leitura envolvendo as TICs.

O resultado alcançado com a análise acerca do Ponto BALE CTI no que concerne a experiência com a leitura no Programa BALE muito influenciou os envolvidos para desenvolver a prática de leitura, por meio das novas tecnologias da informação. Apesar de alguns investigados ainda apresentarem resistência pela leitura na tela, mesmo assim observamos que esta se tornou fundante e exitosa, na medida em que foi possível disponibilizar no Grupo “Escritas de si: entre canteiros da leitura e produção”, via rede social *facebook*, o que contribuiu com um quantitativo de materiais suficientes para formação de repertório de leitura.

Referências

BRITO, Francisca Francione Vieira de e SAMPAIO, Maria Lúcia Pessoa. **O entrecruzar das mídias com os conceitos adornianos de indústria cultural e esclarecimento: um convite á criticidade;** 2011.

BONOW, Débora Böhm. **Os sentidos do ler e escrever na sociedade e na escola.** 2005. <Disponível em: http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem07pdf/sm07ss18_03.pdf>. Acesso aos 20 de maio de 2014.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber:** elementos para uma teoria. Benard Charlot; trad. Bruno Magne. Porto Alegre: Artmed, 2000.

LÉVY, P. **Cibercultura.** Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MORAN, José Manuel Moran. O uso das novas tecnologias da Informação e da comunicação na EAD: uma leitura crítica dos meios; 1999. Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran>.

PETIT, Michéle. **Os jovens e a leitura:** uma nova perspectiva. São Paulo: Ed. 34, 2008.

RAIMUNDO, Ana Paula Peres. **A mediação na formação do leitor.** In: CELLI – COLÓQUIO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS E LITERÁRIOS. 3, 2007. Anais Maringá, 2009, p. 107-117.

SAMPAIO, M. L. P.; MASCARENHAS, R. O. **Projeto BALE – Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas:** ação conjunta entre o BNB, o GEPPE e a comunidade paufferrense. Pau dos Ferros: Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, 2007.

_____. **Ponto BALE CTI EB:** entre canteiros da leitura e produção. UERN/FAPERN/CNPq, 2012.

SILVA, S. A. Adorno, a indústria cultural e a internet. Revista Filosofia. Ed. 20, 2009. Disponível em: http://filosofia.uol.com.br/filosofia/ideologia-sabedoria/20/artigo_151970-3.asp. Acesso: 12 de abril de 2014.

SCHONS, Mariane Maria e VALENTINI, Carla Beatriz. **Movimentos de letramento digital nas práticas de leitura e escrita:** um estudo de caso de uma criança do ensino fundamental. 2012.

VILARDI, Raquel. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida.** Rio de Janeiro: Qualitymark, Ed. 1997.